

Contratos da fase 2 já estão sendo preparados pelos bancos

por Milton Coelho da Graça
de Nova York

Os contratos da fase 2 da renegociação da dívida brasileira já estão sendo preparados em Nova York. Uma comissão de quatro funcionários do BC, entre os quais o chefe da fiscalização e registro de capitais estrangeiros, Gilberto Nobre, e o chefe do Departamento Jurídico do Banco Central, Diógenes Sette Sobreira, passou o dia de ontem discutindo com os advogados do banco nos Estados unidos e hoje se reunirá com os advogados do Citibank.

Fontes do Citibank disseram ontem que ainda não foi marcada a data da assinatura do contrato e não quiseram fazer nenhuma previsão sobre a data em que serão liberados os US\$ 3 bilhões iniciais do empréstimo de "dinheiro novo". Também se recusaram a dar qualquer informação sobre o total de respostas já enviadas pelos 840 bancos convidados a participar do "pacote" brasileiro. Uma fonte com acesso ao comitê assessor dos bancos credores disse, entretanto, que "o telex está praticamente parado e

todos estão esperando os resultados da missão de Delfim Netto (referindo-se à viagem do ministro do Planejamento à Europa e aos países árabes, para tentar obter a adesão dos bancos à fase 2 da renegociação).

NOVOS NÚMEROS

O presidente do comitê, William Rhodes, retornando de uma viagem à Inglaterra e ao México, falou ontem em Washington para a conferência anual do Instituto de Executivos Financeiros sobre a situação das negociações com a Argentina, o México e o Brasil. Embora repetindo praticamente o mesmo discurso que fez em Londres, Rhodes alterou ligeiramente os números em relação ao Brasil. Sobre o empréstimo de "dinheiro novo" (projeto 1) ele disse que as respostas recebidas dos bancos representam mais de 95% do objetivo de US\$ 6,5 bilhões (em Londres ele havia dito que o total já ultrapassou US\$ 6,2 bilhões, o que é praticamente a mesma coisa).

Quanto aos compromissos em relação ao financiamento comercial (projeto 3, objetivo US\$ 19,3 bilhões), Rhodes disse que as

respostas já atingiram US\$ 9,9 bilhões, US\$ 100 milhões acima dos US\$ 9,8 bilhões anunciados em Londres. Quanto às linhas de crédito interbancário (projeto 4), Rhodes disse que as respostas já atingiram US\$ 5,2 bilhões, 91% do objetivo de US\$ 5,7 bilhões, também US\$ 100 milhões acima do anunciado em Londres. Na verdade, o objetivo total para as linhas de crédito interbancário é de US\$ 6 bilhões, mas US\$ 300 milhões serão cobertos por instituições governamentais e os restantes US\$ 5,7 bilhões pelos bancos comerciais.

REALISMO

Uma fonte bancária americana, que falou a este jornal sob a condição de não ser identificada, considerou "muito realista" a estimativa feita pelo economista Dimitri Polantz, do Manufacturers Hanover, sobre a evasão de capitais do Brasil (US\$ 4,8 bilhões em um ano). Ele disse que os dados de vários países relativos às trocas comerciais com o Brasil demonstram a existência de uma alta percentagem de subfaturamento das exportações brasileiras e superfaturamento das importações. Em alguns casos,

há registro de importações de pedras preciosas do Brasil, sem que essas exportações apareçam nas estatísticas do Banco Central. "Se o Banco Central fizesse um levantamento criterioso", disse a fonte, poderia ter um bom quadro da evasão.

Ele disse que um outro dado revelador da evasão, 'embora seja pequeno e seu valor não seja inteiramente conhecido', segundo ressaltou, é o de que há um grupo de brasileiros muito ativo no mercado comprador imobiliário de Nova York. Em dois dos mais caros e recentes lançamentos imobiliários — a Trump Tower e a Museum Tower — a lista de compradores inclui brasileiros. E, no caso da Museum Tower, um apartamento com vista para o jardim — onde estão espalhadas várias esculturas de Rodin — custa a bagatela de US\$ 4 milhões.